

## A Verdade

Alcançar a verdade é o objectivo primeiro do homem.

Possuir a verdade é um bem supremo. Ela encontra-se cada vez mais distante quanto mais o homem pensa estar perto dela, no seu conceito estrutural do mundo material.

Neste pressuposto, a ciência está sempre a descobrir verdades e a destruir mentiras nas suas verdades, mas lá vai caminhando e adquirindo conhecimento dos estados materiais, o que não deixa de ser muito meritório na natural expressão da procura da verdade.

Paradoxo dos paradoxos é que a verdade está sempre presente e vive na mais íntima realidade do homem.

Quando o chamado Santo Agostinho, bispo de Hipona, se iluminou, ou realizou (como queiram) no ciclo evolutivo do plano hominal, proferiu uma frase de estupefacção: Onde estavas Tu Senhor, quando vivia nos meus pecados?

À qual o Senhor responde: Eu estava no meio da tua alma.

Com espanto e estranheza, pergunta Agostinho: Como podias Tu, Senhor, infinita santidade, estar dentro de mim, o maior pecador do mundo?

E Deus esclarece: Agostinho, Eu estava sempre presente dentro de ti, mas tu andavas sempre ausente de mim.

Num rasgo de completa compreensão diz Agostinho: Possa eu conhecer-me a mim, para que te conheça a Ti, Senhor.

Não se pode falar da verdade em termos de relatividade. A verdade é algo de absoluto.

Por isso Jesus adverte: “Seja este o vosso modo de falar: Sim, sim; não, não. Tudo o que for além disto procede do espírito do mal”.

Os livros sacros de todos os povos estão repletos de ensinamentos espirituais sagrados, que constituem a revelação. Revelação que os

homens interpretaram, suprimindo e acrescentando, à sua imagem e semelhança, sob o domínio do seu ego físico, mental, emocional, em presença das suas necessidades e interesses físicos e intelectuais, de acordo com as estruturas sociais de conceitos, preceitos e preconceitos, estabelecidos pelo mesmo ego humano.

Pela integridade da verdade, bebeu Sócrates a cicuta a que fora condenado e negou-se a fugir da prisão, quando lhe foi proporcionado pelos seus seguidores.

João Baptista preferiu deixar-se trucidar a negar a verdade.

Também e sobretudo Jesus, pela verdade da presença divina que pregou, se deixou arrastar até ao martírio da cruz quando lhe teria sido fácil desaparecer, como o fez em outras ocasiões.

E tantos outros que, mais tarde, foram torturados, supliciados e crucificados por amor à verdade que falava em plenitude de dentro de suas almas.

No interrogatório romano, pergunta Pilatos a Jesus: o que é a verdade? Os lábios e a voz de Jesus ficaram quedos. Como poderia o relativo explicar o absoluto?

É o menor que provém do maior e não o menor que contém o maior.

Aliás, não há conhecimento que algum realizado tivesse ou pudesse ter transmitido ao mundo o que é o estado de êxtase e de sabedoria que proporciona o encontro com a verdade.

Tomás de Aquino, cujos escritos e ensinamentos são parte do fundamento da teologia católica, após uma visão enquanto celebrava missa, não mais voltou a escrever porque tudo quanto tinha escrito era “palha”.

Tentar explicar a verdade, ou seja, Deus, é complicar. No fim de todas as explicações meramente analítico/intelectuais está o caos ou o nada.

Saber explicar o explicável e adorar em silêncio o inexplicável, é grande sabedoria.

Razão porque Jesus nunca nos explicou a natureza transcendente do Pai.

Quando o ser em evolução se encontra com a verdade, ou seja, quando a alma relativa é envolvida pela alma absoluta (parábola das noivas), conhece a Deus imanente, atinge a fé pura, que não é crença, mas sim vivência com o criador, mas que ainda não representa a verdade absoluta, pois vivemos em infinito, em caminhos de transcendência divina.

Falamos de alguns que, pela verdade, doaram a sua vida terrena em completo resgate cármico, mas também há aqueles que, sob o domínio do seu ego mental, deturparam e inquinaram a verdade para proveito pessoal.

Um dos mais célebres foi Constantino Magno que, sentindo-se incapaz de fazer parar a entrega total dos cristãos, que antes se deixavam martirizar a negar o Deus que neles vivia, manhosamente aderiu ao Cristo, transformando o cristianismo puro vigente, em religião oficial do império romano.

O resultado é conhecido através da história universal. O príncipe deste mundo saía triunfante pois, a partir desse momento, houve política para enganar os amigos, dinheiro para comprar consciências e armas para matar quem não estivesse de acordo ou se opusesse (no entender de um grande pensador).

Seguiu Constantino aquela máxima bem popular que diz que quando não podes com o teu inimigo, junta-te a ele.

Não foi o primeiro, nem sequer o último. É prática corrente do ego mental que, através do intelecto ainda não resgatado, subtilmente sabe dar a volta às dificuldades, para sua satisfação de vaidade, orgulho, protagonismo e poder.

Falamos de bem, de mal e de inimigos, como se alguma coisa estivesse mal. Toda a criação é dualista, precisamente para que possa haver termos de comparação a que as criaturas em evolução possam recorrer para adquirir o conhecimento vivido da criação.

É o que neste momento aqui estamos fazendo. Comparando para perceber.

A própria ignorância da individualidade em formação faz parte desse desiderato. Em alguma altura, lá longe, seremos como engenheiros siderais, conhecendo não por termos ouvido falar (o que não é saber, é apenas crer) mas por termos vivido (o que já é saber).

Relembremos aquela frase em que Jesus nos diz: “quem crê em mim também fará as obras que Eu realizo; e fará obras maiores do que estas”.

O mal é complemento do bem. O bem é a verdade em realidade. Como poderíamos conhecer e apreciar o bem, se não tivéssemos tido a experiência do mal?

Nós somos seres espirituais em experiência de vida humana, no plano vibratório que lhe diz respeito.

Deus não é só a suprema inteligência, como a doutrina espírita nos diz, e bem. Deus é o supremo em tudo, porque é absoluto. Logo, é também a suprema perfeição. Nada pode existir de imperfeito na criação. Tudo está devidamente previsto e ordenado. Tudo tem uma razão de ser e tudo acontece com objectivo determinado, no lugar certo e no tempo certo.

Nada há de errado na criação divina. Se houvesse, Deus não seria Deus.

Visionando a evolução dos ideais religiosos até aos nossos dias verificamos, de forma sucinta, que os homens, em nome de Deus e baseados nas diversas interpretações sobre as revelações sacras, se aglutinaram em diversas religiões, linhas esotéricas, doutrinas espiritualistas, etc., umas mais antigas, outras mais recentes, reclamando para si, qualquer delas, a verdade.

Criaram edifícios filosóficos, teológicos e metafísicos, estruturando tudo com rigor e pormenor; encaixando-se, pela lei da afinidade, estado evolutivo e áreas geográficas de incidência; agrupando-se em entendimento doutrinário, com a ideia firme de que o seu caminho espiritual é o correcto aos olhos do creador; apresentando um Deus à sua imagem e semelhança: impiedoso, castigador, vingativo e cruel.

As controvérsias entre organizações religiosas e espiritualistas passaram a dividir os homens. A defesa acérrima dos postulados de cada doutrina organizacional, levada ao extremo, provoca o morticínio em nome do mesmo Deus.

Para cúmulo, mesmo dentro de cada uma delas, instalam-se lutas de conceitos, de preconceitos, de protagonismo, de poder e de prepotência.

No interior de cada homem existem dois eus: o eu superior, emanção divina, espírito à imagem e semelhança de Deus, enfim o ser real, e o eu inferior, a individualidade em crescimento, o ego físico, mental e emocional, em transformação evolutiva.

O primeiro une, o segundo divide.

Como o homem ainda é dominado pelo segundo, vive em divisionismo.

É interessante observar que Buda, na sua caminhada ascensional, passou por diversas linhas iniciáticas, que não resultaram no objectivo que perseguia. Apesar da sua aplicação, só se realizou por via própria, a que chamou as quatro nobres verdades, produto da sua observação do mundo em que vivia, estabelecendo a via óctupla, ou seja, o caminho do meio, ou recto agir, que o levou à comunhão com Deus.

Pietro Ubaldi, no seu esforço de compreensão, auxiliado pela mediunidade, estabeleceu também o seu esquema, “o sistema e o anti-sistema”, de acordo com o seu sentido de compreensão e racionalidade, no anseio de encontrar a verdade.

Helena Blavatsky e seus seguidores, pelo estudo da ciência védica, compilam a teosofia - dita rigorosamente estabelecida pela observação in loco - dos diversos planos de frequência vibratória, que responde à lógica dos seus entendimentos intelectuais e espirituais.

Os Rosa-cruzes, através da cosmogonia de Max Heindel dão-nos o seu complexo esquema estrutural, que tudo explica, para satisfação da lógica e da racionalidade dos seus adeptos.

A doutrina espírita vem, em tempo oportuno, dar o seu impulso racional e lógico, explicando com esforço científico os fenômenos psíquicos que, até então, não tinham explicação plausível e se processavam de forma empírica.

Para além disso, veio dar respostas a perguntas que fazem parte das leis da evolução e da vida e cuja ignorância era causa de muita incompreensão. A sua simplicidade, sublimidade e racionalidade tornou-a muito popular.

A ela aderem aqueles que obtêm explicação para os seus sofrimentos e controvérsias do relacionamento humano e ainda de situações que até então eram inexplicáveis para o vulgo da humanidade, levando-os a acreditar que encontraram a verdade.

Allan Kardec, o seu codificador, era um homem inteligente, de base científica e, portanto, sabia que tudo se encontra em mutação. Por isso, deixou portas abertas para o inevitável progresso da ciência e das ideias. Salvo raras exceções, muito poucos o entenderam.

Citando um espírita credível, Waldo Vieira, em um dos seus escritos, cautelosamente adverte: não estranhe o leitor espírita se encontrar capítulos com temas raramente abordados nas perquirições doutrinárias. Como afirmara Allan Kardec, a doutrina dos espíritos é evolutiva.

Para quem tem acesso à internet, verifica-se que só há bem pouco tempo, uma massa crítica de espíritas vem desenvolvendo progressos.

O homem comum reflecte sobre a vida e a morte, procurando encontrar respostas que expliquem este rosário de miséria física, moral e intelectual, todo este turbilhão de luta pela sobrevivência e lá vai construindo a sua verdade, com Deus ou sem Deus.

Neste contexto divisionista aparece o fanático, que actua no âmbito fundamentalista, na ideia de que fora da sua crença não há mais nada, e cuja manifestação pode ser de violência ou de passividade conformista.

Qualquer deles demonstra quanto a mente humana se encontra aprisionada, encarcerada, no edifício postular da sua crença espiritual.

Paulo de Tarso aconselhava, a quem o ouvia, o exame nítido, racional, inteligente, de todas as escrituras, na procura da verdade, dizendo: examinai tudo, mas abraçai só o que é bom.

Ninguém possui a verdade. Todos têm algo da verdade, quer seja entidade colectiva, quer seja individual.

Existem partes da verdade, dispersas, confusas e imperfeitas, mas não são a verdade, tal como tudo que conhecemos é parte do todo, mas não é o todo, porque o todo é o absoluto e o absoluto é Deus.

Não se pode reter, prender a verdade. Ela dá sinais de si em tudo e em todos, porque tudo está em tudo e tudo influencia tudo.

Aqueles que, de facto, atingiram a verdade, estão no mundo sem serem do mundo. Porque a verdade, estando implícita no mundo, está para além do transitório, do ilusório. A verdade é realidade absoluta.

Para encontrar a verdade, tem o homem de proceder a uma transformação total do seu ego físico, mental e emocional, visto que ninguém descobre Deus. Deus é que se revela ao homem quando este obteve, por mérito próprio, as condições necessárias para o evento.

Parafraseando a análise de sensibilidade espiritual de inúmeros pensadores, diremos:

«O homem profano no meio dos profanos, é na generalidade, ruidosamente social.

O místico longe dos profanos, é silenciosamente solitário.

O crístico no meio dos profanos, é serenamente solidário».

Para que o homem possa ser serenamente solidário com toda a humanidade, solidamente crístico, é necessário que tenha passado pelo estágio da solidão silenciosa, profundamente mística, longe da sociedade dos profanos, ruidosamente profanos.

É neste período da mística solitária, que o homem lança os alicerces inabaláveis para o seu edifício crístico de solidariedade universal.

Só depois o homem aprendeu por experiência íntima, no silencioso abismo da mística, o que ele é, e o que é Deus. Só depois é que se pode atrever a ser de todas as criaturas de Deus, sem deixar de ser de Deus.

Pode então andar por todos os mundos de Deus, sem deixar de ser do Deus dos mundos.

Em toda a criação estão inseridas, intrinsecamente, infinitas condições e vias de auxílio à evolução dos seres, porque nada acontece por acaso, tudo tem uma razão de ser.

As religiões, linhas e doutrinas espiritualistas, são caminhos por etapas da ascese humana, na procura da verdade, com todos os chamados erros e desvios dos homens, que fazem parte da criação desde o princípio, implicitamente previstos.

Obter esta compreensão, leva o homem a um estado de universalismo, a um sentimento de que pertence a todas as vias da espiritualidade e não é exclusivamente de nenhuma.

A filosofia oriental tem duas frases que são lapidares para o entendimento da chegada do homem à verdade:

“Homem, conhece-te a ti mesmo”.

“Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece”.

E Jesus, o nosso mestre dos mestres hominiais, ao mostrar-nos o caminho que nos conduzirá a casa do pai, esclareceu-nos sobre a verdade dizendo que, um dia “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.

10-09-2003

Abrame